

Homens e deuses eram semelhantes, ambos do mesmo gênero (*hen andron, hen theon genos*), ambos devendo a vida à mesma mãe. Os deuses gregos, como nos dias de Heródoto, tinham a mesma *physis* que os homens.⁵ Mas embora fossem *anthropophysis* (do mesmo gênero que os homens), os deuses tinham, evidentemente, certos privilégios sobre os mortais: eles eram imortais e levavam uma “vida fácil”. Livres das necessidades da vida mortal, podiam se dedicar à observação, olhando do alto do Olimpo as coisas humanas que, para eles, não eram mais do que um espetáculo a serviço de sua distração. O sentimento dos deuses olímpicos em relação ao caráter de espetáculo do mundo — uma noção tão diferente da que tinham outros povos a respeito das ocupações divinas, tais como criar e promulgar leis, fundar e governar comunidades — era uma inclinação partilhada com seus irmãos menos afortunados da terra.

A paixão de ver, como já observamos, precede, na língua grega, até mesmo gramaticalmente, a sede de conhecimento. Que ela tenha caracterizado a atitude grega básica diante do mundo parece-me algo óbvio demais para exigir documentação. O que quer que aparecesse estava lá, antes de tudo, para ser olhado e admirado — a natureza e a ordem harmoniosa do cosmos, as coisas que vieram a ser por si mesmas e as que as mãos humanas “trouxeram ao ser” (“*agein eis ten ousian*” é a definição de Platão da fabricação, *to poiein*), bem como qualquer excelência humana (*arete*) apresentada no âmbito das coisas humanas.⁶ O que induziu os homens à mera contemplação foi o *kalon*, a simples beleza das aparências, de tal forma que “a mais alta idéia do bem” encontrava-se no que mais brilhava (*tou ontos phanotaton*).⁷ A virtude humana, o *kalon k'agathon*, não era avaliada nem através da intenção ou da qualidade inata do ator, nem pela consequência de seus atos, mas apenas pela execução, como ele *apareceria enquanto estava fazendo*. A virtude era o que nós chamaríamos de virtuosismo. Assim como nas artes, os feitos humanos tinham que “brilhar por seus méritos intrínsecos”, para usar uma expressão de Maquiavel.⁸ Tudo o que existia deveria ser, em primeiro lugar, um espetáculo digno dos deuses, do qual os homens, evidentemente — como parentes pobres dos habitantes do Olimpo —, desejavam aproveitar uma parte.

Assim Aristóteles atribuiu aos gregos a faculdade do *logos*, da fala racional, como traço distintivo frente aos bárbaros. Mas atribuiu o desejo de ver a todos os homens. Desse modo, os habitantes da caverna de Platão contentaram-se em olhar para os *eidola* que estavam diante deles, na tela, sem proferir uma única palavra, sem poder nem mesmo dirigir-se uns aos outros e comunicar-se, já que estavam em seus lugares, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço. A multidão compartilha da divina paixão de ver. Era algo de divino o que estava implicado na posição do espectador pitagórico, divorciado de qualquer coisa humana. Quanto menos tempo um homem precisasse para cuidar de seu corpo, quanto mais tempo dedicasse à ocupação divina, mais ele se aproximaria do modo de vida dos deuses. Além disso, já que deuses e homens eram do mesmo gênero, mesmo a imortalidade divina não pareceria estar totalmente fora do alcance dos mortais. Embora seja constante fonte de inveja, o grande nome, a recompensa preciosa por “grandes feitos e grandes

palavras” (Homero) conferia uma imortalidade potencial — um substituto inferior, é bem verdade. Por outro lado, cabia ao espectador conceder essa recompensa ao ator. Pois os poetas ocupavam-se com o que aparece e desaparece da visibilidade do mundo no curso do tempo, antes que os filósofos se ocupassem com o que permanecerá para sempre invisível e com o que não é apenas imortal, mas de fato eterno, *ageneton*, com o que não apenas não tem fim, mas tampouco começo, isto é, nascimento — os deuses gregos, como sabemos a partir da *Teogonia* de Hesíodo, eram imortais, mas não incriados. O que estava em jogo, portanto, na idéia de uma posição externa ao âmbito dos assuntos humanos, antes mesmo do surgimento da filosofia, pode ser melhor esclarecido quando examinamos brevemente a noção que os gregos tinham da função poética e da posição do bardo.

Existe o relato de um poema perdido de Píndaro. Ele descrevia o banquete de casamento de Zeus, em que esse deus perguntou aos deuses reunidos se faltava algo à sua alegre bem-aventurança. Ao ouvir isso, os deuses ~~lhe~~ imploraram que criasse alguns novos seres divinos que soubessem embelezar suas grandes obras “com palavras e música”. Os novos seres de qualidades divinas a que Píndaro se referia eram os poetas e os bardos, que ajudavam os homens a atingir a imortalidade.⁹ Isto porque “a história das coisas feitas sobreviveu aos atos” e “o que é dito torna-se imortal, se foi bem dito.”¹⁰ Os bardos também, à maneira de Homero, “endireitavam a história ... com ... palavras mágicas para encantar os homens daí por diante.”¹¹ Eles não noticiavam simplesmente; eles também endireitavam a história (*orthosas*). Ajax matou-se por vergonha, mas Homero, mais sábio, “honrou-o entre todos os homens”. Faz-se aqui uma distinção entre uma coisa feita e uma coisa pensada, e esta coisa-pensamento é acessível apenas ao “espectador”, ao não-agente.

Essa concepção do bardo vem diretamente de Homero. Os versos cruciais são aqueles que contam como Ulisses chega à corte dos Feácios e, por ordem do rei, é entretido pelo bardo, que canta a história de uma passagem da própria vida de Ulisses, sua luta com Aquiles. Ao ouvi-la, Ulisses esconde sua face e chora, apesar de nunca ter chorado antes, nem sequer quando os fatos que ele agora ouve ocorreram. Só quando ouve a história é que se torna totalmente consciente do seu significado. E o próprio Homero diz: o bardo canta para deuses e homens o que a musa (*Mnemosyne*, que cuida da lembrança) pôs em seu espírito. A musa deu-lhe coisas boas e más: ela privou-o do sentido da visão e deu-lhe o dom do canto harmonioso.

Píndaro, no poema perdido sobre Zeus, deve ter esclarecido tanto o aspecto subjetivo como o objetivo dessas primeiras experiências de pensamento: se o homem e o mundo não receberem louvores, sua beleza não poderá ser reconhecida. Já que os homens aparecem em um mundo de aparências, eles precisam de espectadores; os que comparecem como espectadores ao festival da vida são tomados por pensamentos de admiração, que são, então, postos em palavras. Sem espectadores, o mundo seria imperfeito. O participante absorvido em coisas específicas e pressionado por afazeres urgentes não pode ver como todas as coisas